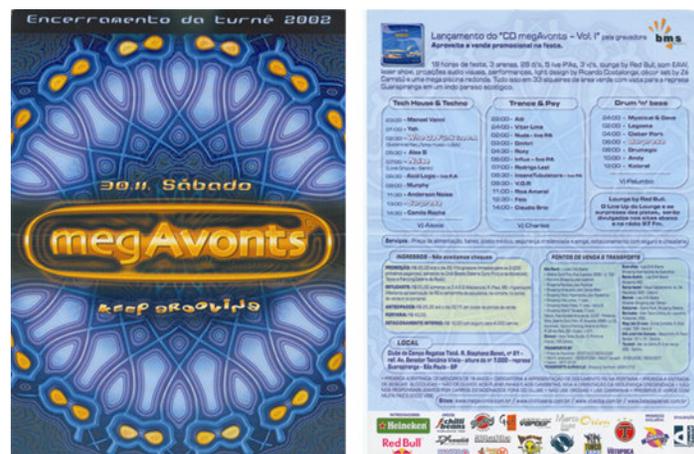


Capítulo 4. VÁRIAS RAVES

Se em 1998 aconteceu a primeira *rave* brasileira que reuniu oito mil pessoas, a partir do ano de 2000 festas *raves* paulistas com público de dez mil pessoas tornaram-se comuns. Em 2002 era possível encontrar pelo menos um *flyer* de uma nova *rave* a cada semana, havia finais de semana que aconteciam até três festas no Estado de São Paulo. Essas não eram festas que competiam necessariamente pelo mesmo público pois atendiam a concepções diferentes de *raves*.

Em 2002, havia *mega raves* que reuniam de cinco a quinze mil pessoas, a cada 3 ou 4 meses. Essas são *raves* que procuram congregar o maior número de pessoas possível, para isso são realizadas em locais de mais fácil acesso (próximos de vias de grande circulação), investem em ampla distribuição de *flyers* e divulgação em meios de comunicação de massa (como a rádio Energia); dispõem diversas pistas de dança com repertório variado de música eletrônica (tenda de *trance*, tenda de *techno*, tenda de *drum'n'bass*). São *raves* que organizam espaços, passagens e serviços para um grande fluxo de pessoas e oferecem: transporte coletivo para o local da festa, estacionamento para automóveis, bares e lanchonetes, banheiros, ambulância e atendimento médico, forte esquema de segurança privada (especialmente para controlar a entrada de intrusos ou pessoas sem pagar ingresso). Segue abaixo o *flyer* de uma *mega rave* como exemplo da infra-estrutura disponibilizada e do apoio institucional que articula.

Figura 11. Flyer da rave Mega Avonts de novembro de 2002



O núcleo Avonts, que lança no ano de 2000 um projeto específico desse formato de festa, chamando-o, então, de Mega Avonts, tornou-se notório pelas *mega raves* que organizou. São as festas mais citadas e freqüentadas entre os jovens que cultivam o gosto pela música eletrônica das classes sócio-econômicas mais baixas - muitos, inclusive, nunca participaram de outros tipos de *raves*.

Já em 2001 surge ainda um outro formato de *rave* que é chamado de festival. Essas são *raves* que acontecem por 3 ou 5 dias consecutivos, em locais bem mais afastados da metrópole, muitas vezes em outros estados brasileiros. Disponibilizam área e infra-estrutura para camping e geralmente tocam apenas variações do gênero musical *trance*. Esse formato já era popular em outros países - ver o *flyer* do festival que aconteceu na Austrália em janeiro de 1999 que segue no anexo Galeria de *Flyers* - e atende a um certo circuito mundial das *raves*, tanto que nessas ocasiões é muito grande a participação de estrangeiros, sendo que muitos desses visitam o país exclusivamente para o evento.

Os festivais que acontecem no Brasil muitas vezes exaltam sua ambientação brasileira e exploram o imaginário estrangeiro sobre o país. Por exemplo, o núcleo de *raves* com nome Celebra Brasil, ou ainda a festa Ecosystem que aconteceu (em 2002) nos arredores da cidade de Manaus mas propagandeou-se que foi na “Amazônia”. Veja abaixo o *flyer* do festival Terra Brasilis, que além de nome, carrega nos elementos gráficos a exaltação do nacional: a riqueza e o exotismo de paisagens naturais são apresentadas nas cores e no formato da bandeira brasileira. Porém o nacional é apenas moldura para o tema central da ilustração: o planeta Terra, o global. Mesmo a inscrição da bandeira – “ordem e progresso” – que é citada na parte interna do *flyer*, segue na seqüência do que seria uma mensagem mais genérica: “amor” .

| Formato | Mega rave | Private rave | Festa de trance | Festa de techno | Festival |
|--------------------|---|--|--|--|---|
| Duração | 20 horas | 12 horas | 20 horas | 18 horas | 3 a 5 dias consecutivos |
| Período | Inicia-se as 22:00 h. do sábado | Inicia-se por volta da 1:00 h. da madrugada. | Inicia-se por volta das 24:00 h. de uma sexta-feira ou sábado, se estendendo até o início da noite do dia seguinte. | Inicia-se por volta das 24:00 h. do sábado, se estendendo até o fim da tarde do dia seguinte. | Acontece durante feriados prolongados, tendo início oficial, geralmente, num fim de tarde. |
| Local | Áreas verdes, de fácil acesso, nos arredores das principais capitais. A grande maioria acontece na região da Grande São Paulo. | Sítio particular. | Área verde, de natureza exuberante, nos arredores de grandes cidades, freqüentemente de difícil acesso. | Área nos arredores de grandes cidades. Além de sítios e fazendas, também galpões e clubes são utilizados. | Área do território nacional com atrações naturais como cachoeiras, rios ou praias. |
| Modo de divulgação | Anúncio em meio de comunicação de massa como jornais, revistas e rádio. Ampla distribuição de <i>flyers</i> . Chamadas em <i>sites</i> de música eletrônica. | Boca-a-boca e canais de acesso restrito (listas na internet). | Boca-a-boca, chamadas em sites de música eletrônica e distribuição de <i>flyers</i> nos pontos do <i>circuito</i> da região. | Boca-a-boca, chamadas em sites de música eletrônica e distribuição de <i>flyers</i> nos pontos do <i>circuito</i> da região. | Boca-a-boca, chamadas em <i>sites</i> de música eletrônica e distribuição de <i>flyers</i> nos principais pontos do <i>circuito</i> nacional. |
| Infra-estrutura | Transporte coletivo, 2 ou 3 pistas, área de <i>chill out</i> , bares, área de alimentação, ambulância, VJ's, banheiros químicos, forte esquema e equipe de segurança privada. | Mínimo: equipamento de som, bebidas e panos coloridos para decoração | Pista de dança e área de <i>chill out</i> , bar, alimentação, decoração bastante elaborada. | Transporte coletivo, pista de dança, bar, alimentação, ambulância, equipe de segurança privada. | Pista de dança e área de <i>chill out</i> , camping com banheiros e duchas, bares, área para alimentação, para crianças, enfermaria. |
| Música tocada | <i>Techno</i> , <i>drum 'n' bass</i> e <i>trance</i> | Depende do <i>gosto</i> do grupo de amigos que organiza | <i>Trance</i> e suas variações na pista de dança, <i>ambient</i> na área de <i>chill out</i> . | <i>Techno</i> e suas variações, <i>break beats</i> , <i>drum'n'bass</i> . | <i>Trance</i> e suas variações na pista de dança, <i>ambient</i> na área de <i>chill out</i> . |

| Formato | Mega rave | Private rave | Festa de trance | Festa de techno | Festival |
|---|--|---|---|--|--|
| Atração principal | Infra-estrutura. | Forte identificação entre os participantes. | Formações naturais do local da festa. | DJ's internacionais. | Experiência de convivência por período maior e contato com a natureza. |
| Características gerais dos participantes | Diversidade de grupos. Sendo notável uma maior participação de clubber da “periferia” | Participantes compõem rede de amizade restrita. | Grupos de classe média, média alta e alta. <i>Freaks</i> ou tranceiros. | Grupos diversos: <i>clubbers</i> da “periferia”, tecneros, homossexuais, surfistas, etc. | Grupos das classes mais abastadas de diversas localidades do país e significativa presença de estrangeiros. Tranceiros ou <i>freaks</i> . |
| Simbologia e estética | Apropriação de ícones da comunicação de massa. Roupagens urbanas: confortáveis e práticas. Cor preta faz fundo para uso de cores fluorescentes das camisetas. Intenso uso de piercings e/ou acessórios fluorescentes (muitos elaborados em plástico ou metal). Alguns figurinos ‘fantásticos’ ou inusitados. | Depende do grupo. | Estética <i>freak</i> : figurino inspirado nos hippies e no esteriótipo de indígenas elaborado através do uso de fraktais e cores fluorescentes, e cabelos com dreadlocks. Notável presença de ícones religiosos, materiais naturais, elementos indígenas e psicodélicos. | Cor preta faz fundo para uso de tintas fluorescentes. Roupagens urbanas: confortáveis e práticas. Intenso uso de piercings e/ou acessórios fluorescentes (muitos elaborados em plástico ou metal). | Roupage urbana prática e confortável (<i>jeans</i> , camiseta e tênis), ou estética <i>freak</i> . Notável presença de ícones religiosos, materiais naturais, elementos indígenas e psicodélicos. |
| <i>Performance</i> diferencial (o que acontece) | Circulação entre atrações diversas. | ‘Estar à vontade’. | Teatro do ritual. | ‘Bombaço’ na pista. | Teatro do ritual e convívio em ‘comunidade’. |
| Público médio | 10.000 pessoas | 200 a 500 pessoas | 2.000 pessoas | 2.000 pessoas | 3.000 pessoas |
| Proposta ideológica | Empreendimento espetacular: um grande ‘parque de diversões’. | Encontro entre amigos e conhecidos. | Psicodelia. Transcender espiritualmente. Ecologicamente correto. | ‘Pura diversão’. ‘Enfiar o pé na jaca’. | ‘Conexão intergaláctica’. Transcender espiritualmente. Ecologicamente correto. |

O quadro considera: a infra-estrutura do evento (o local, período e duração, estratégia de divulgação, equipamentos e técnicos envolvidos), o motivo de atração principal considerado pelo público participante, as características gerais dos grupos – e também as identificações operadas entre eles -, a estética e a simbologia articulada, a *performance* característica enredada por cada formato (composições espaciais, movimentações, danças, interações), o público médio, e a proposta ideológica genérica.

O quadro é montado a fim de possibilitar algumas comparações, mas os cinco “tipos” de *raves* tipificados não concorrem entre si imediatamente, pois se diferenciam em alguns aspectos e sobrepõem-se em outros.

As *mega raves* mostram-se como um modelo oposto às *privates raves* já que aglutinam um enorme contingente de participantes enquanto as *privates*, quase sempre, o menor contingente. As primeiras reúnem grupos diversos de pessoas, já as *privates* caracterizam-se por reunirem um mesmo grupo de amigos. Os festivais são *raves* que também reúnem um público excepcional na cena *rave*, três a seis mil pessoas, mas enquanto as *mega raves* duram vinte horas e realizam-se em locais próximos de grandes cidades (São Paulo, Campinas, Ribeirão Preto), os festivais são celebrados por vários dias consecutivos, em áreas longínquas de regiões metropolitanas e locais com alguma atração natural: cachoeiras, rios ou praias.

Os três formatos acima citados - a *mega rave*, a *private rave* e o festival - são variações das *raves* mais típicas: que acontecem semanalmente nos arredores de grandes ou médias cidades brasileiras (como São Paulo, Campinas, Piracicaba, Ribeirão Preto, Santos, Londrina, Porto Alegre, Brasília, Florianópolis, Belo Horizonte) e que reúnem entre mil e duas mil pessoas, são divulgadas através do boca-a-boca e pela distribuição seletiva de *flyers* (em locais reconhecidos do *circuito*), com duração mínima de 14 horas. Todas essas festas, desde meados de 2000, deixaram de atender ao modelo das primeiras *raves* pela seleção musical que começaram então a propor: em vez de se utilizarem de diversos gêneros da música eletrônica na produção musical da festa que geralmente caminhava de sons eletrônicos mais “pesados” - como o *techno* - tocados durante a noite, em direção a músicas mais melodiosas, variações do *trance*, conforme o amanhecer do dia, as festas passaram cada vez mais a especializar-se musicalmente e diferenciar-se como *raves* onde ou

predomina o *techno*, ou então onde apenas se toca *trance*, especialmente o sub-gênero conhecido como *psytrance*.

Apontando os primórdios do que chamou de “Grande Segmentação” da cena, Camilo Rocha relata:

“houve um tempo em que gostar de música eletrônica era gostar de tudo: drum’n’bass, ambient, house, breakbeat, etc. (...) Quando a cena teve seus primeiros momentos de massificação, com as grandes raves de 98/99 e a decolagem do fenômeno cybermano, milhares de pessoas com várias bagagens aparecerem no quadro. (...)” (Rocha, Beatz nº 3, 2003)

Letícia Castro, noutra reportagem da revista Beatz descreve:

“Além de todo o aparato, as mega raves traziam DJs de estilos variados. Megavonts (derivada da Avonts), Xxxperience e Fusion eram festas que reuniam os fãs de trance, techno, drum’n’bass e house. Em 99, surgiu a Groove Nation, primeira rave com line-up exclusivo de techno. ‘Na época havia um preconceito contra esse som. As pessoas achavam que era música de ‘mano’, de pobre. Isso me irritava’, conta o DJ Alex S, que organiza a rave com Eli Iwasa. Era o início da segmentação que passou a colocar de um lado os fãs de trance e de outro de techno.” (Castro, Beatz nº13, 2004: 23-24)

Os novos formatos de *raves* associaram-se historicamente a uma das arenas musicais: enquanto o festival é um formato exclusivo de *rave* de *trance*, a *mega rave* é simbolicamente ligada ao universo do *techno*. A estrutura de várias tendas musicais da *mega rave* poderia operar a reunião de fãs de *trance* e *techno* em um mesmo evento porém não é assim que de fato acontece, pois a grande maioria dos grupos de amigos que freqüentam as festas de *trance* não participam das *mega raves*. Também existem núcleos organizadores de eventos, como a Xxxperience ou a Tribe, que empreendem eventos que reúnem mais de dez mil pessoas (em várias tendas musicais), porém essas festas não são, geralmente, caracterizadas como *mega raves* pois os núcleos organizadores estão associados ao universo da música *trance*.

Didi, há dez anos *clubber* e declaradamente adepto do *techno*, numa entrevista de maio de 2005, considera a diferença entre uma *rave* Xxxperience e uma Mega Avonts como musical e também intransponível, já que considera a música *trance* insuportável: “a guitarrinha do psy [psytrance] dói no meu ouvido. Psy, não!”. Mas as semelhanças entre as *raves* organizadas por esses dois núcleos poderiam ser notadas em outras diversas direções: são os dois núcleos mais antigos da

história das *raves* brasileiras, em suas festas nunca se ouve um único gênero de música eletrônica (há várias tendas musicais) e reúnem pelo menos cinco mil pessoas nos eventos que organizam. Mesmo assim, foram historicamente associadas a identidades musicais distintas e desdobram-se em universos simbólicos bastante diferentes.

A identidade musical dos eventos, grupos e indivíduos, é o discurso “nativo” nuclear que articula as principais diferenciações entre os grupos freqüentadores dos eventos e também entre ideologias distintas que subsistem na “cena eletrônica”. As declarações registradas na reportagem intitulada “A sociedade secreta do trance”, publicada na edição nº 6 da revista *Beatz*, notam que a divisão da “cena” se deu mais por causa de incompatibilidades entre grupos do que por diferenças musicais:

“Com a segmentação, muita gente também passou a torcer o nariz para o trance e não põe mais os pés nas psy pistas. ‘Hoje, quem ouve trance acha tecno pesado, e quem escuta tecno acha trance muito fácil’, analisa Roberta, que já transitou entre as duas vertentes (...) ‘A energia de qualquer balada é boa se você está com seus amigos’, afirma, sabiamente. (...) A galera das antigas começou a ver crescimento nada a ver e abandonou as festas’, diz Tirelli. (...) Mack é um deles. Apesar de brasileiro, começou há seis anos tocando trance psicodélico no Japão, que tem uma das maiores cenas do mundo. (...) ‘Acho que o pessoal antigo não gosta do novo simplesmente porque eles não se conhecem. É barreira de turmas’, diz, colocando panos quentes. O DJ acha que a cena mudou e está ‘menos espiritualizada porque as pessoas mudaram’. Ninguém sai de casa ‘pensando em transcender’, mas simplesmente se divertir. ‘Antigamente todo mundo se conhecia, e a gente tinha de atravessar rio para tocar, hoje tem mais profissionalismo. Só leva mais tempo para as pessoas se conectarem’.”

A nova dinâmica das *raves* brasileiras, que passa então a apresentar diversos formatos de festas, é operada principalmente pela identificação e diferenciação entre fãs de *trance* e fãs de *techno*. Na verdade há muitas pessoas que circulam entre esses dois universos de festas *raves*, mas a grande maioria das pessoas está filiada a apenas um deles e elabora críticas ao outro. Aqueles adeptos do *trance* acusam os eventos de *techno* de serem “comerciais” e por isso teriam perdido a *vibe* e os propósitos pelos quais a festa valeria a pena: consciência ecológica e desenvolvimento da espiritualidade pessoal através da recuperação de práticas humanas que teriam sido perdidas pelo modo de vida urbano nos grandes centros do século XX. Já aqueles que freqüentam preferencialmente os eventos de *techno* consideram os tranceiros por demais *freaks* e deslumbrados, acham “uma bobagem” suas formas de religiosidade e “exagerada” sua comoção para com a natureza. São céticos quanto à festa, reconhecem que vão apenas se divertir, a *rave* é “simples e pura diversão entre amigos”.

4.1. Festas de *techno*

No início todas as *raves* eram chamadas de festas *techno*, e também todos os gêneros de música eletrônica eram chamados de *techno*. Logo depois essas festas ganharam a denominação usual de *rave* e atualmente, embora se conheça este termo - *rave* -, e se reconheça peculiaridades desse modo de festejar, fala-se em festa de *trance* ou festa de *techno*. *Techno* neste outro momento histórico refere-se exclusivamente a eventos onde predomina a discotecagem do gênero *techno* de música eletrônica e afins como *break beats* ou *hard trance*, todos esses estilos são considerados “pesados” e associados à idéia de “bombaço”.

Diz-se que uma *rave* está “bombando” quando a pista de dança está cheia, de preferência lotada, e todos dançam freneticamente. No contexto dessas *raves*, pode-se também ouvir alguém dizer que quer dar uma “bombada” e isto significa que ele quer dançar energeticamente a música eletrônica. A música *techno* é considerada sugestiva e propícia para a prática: com uma marcação forte criada através de elementos de percussão sincronizados em compasso repetitivo, sem grandes quebras no ritmo. Essa musicalidade é vulgarmente reconhecida como “bate estaca”, expressão cunhada principalmente por jornalistas que não são “nativos” da “cena eletrônica” pois carrega uma conotação pejorativa e não é usada por *ravers* ou *clubbers* que apreciam essa musicalidade.

Diz-se também que o DJ “toca lenha” quando ele escolhe discos de *hard techno*, expressão essa que brinca com um sentido duplo: O DJ “toca” música, mas também “toca” - coloquial para “colocar” - “lenha”, ou seja, “combustível” para a “bombaço”.

Apenas “por pura diversão”, ou para “sentir o momento de felicidade”¹, esses *ravers* se utilizam de sistemas e equipamentos de som, de luz, de criação e projeção de imagens, também de substâncias químicas, para realizar experiências sensoriais e “bombar” numa pista cheia.

As festas de *techno* são *raves* onde diversos grupos convivem e se divertem juntos porém não há o rompimento de todas as barreiras dos grupos como parecia haver na época das primeiras *raves*, mesmo porque existem formas diferenciadas de apropriação da festa, e não mais uma movimentação

¹ Comentários comuns entre os freqüentadores de festas de *techno*.

grupal tão uníssona. Nas festas de *techno* encontram-se grupos de “clubbers da periferia”, de “playboys”, de “descolados”, de “pitbulls”, de “amigos da faculdade” que participam de um empreendimento que é coletivo, estabelecem várias formas de contato durante a *rave*, mas não se misturam completamente. Ainda assim compartilham uma certa identidade, identidade essa que é festejada naquele momento: a de *raver*. Na ocasião da própria festa, ainda que seja possível notar alguns limites entre os agrupamentos é difícil os participantes admitirem diferenciações entre os grupos presentes pois a identidade comum de *raver* é celebrada. Parece que a caracterização da diversidade dos presentes só é elaborada em outras ocasiões que não durante a festa. Sobre o assunto, Didi, numa conversa por telefone em julho de 2005, comentou:

“Numa rave é todo mundo igual. Pode ter suas diferenças, mas da porta para fora; lá dentro existe um respeito muito grande um pelo outro, pelo próximo. Todo mundo dança igual. (...)”

Nas ‘casas’, o pessoal que vai de carro deixa na porta, já na *rave* deixa bem longe.”

A festa é um espaço de igualdade utópica onde diferenças de gênero, classe sócio-econômica, raça e idade são ideologicamente minimizadas. A *rave* oferece uma visão de mundo, do homem e das relações humanas diferente daquela que orienta as relações do cotidiano da cidade. Nesse sentido, ressalta-se as semelhanças entre os participantes da *rave*: operada pelo discurso, principalmente, referindo-se ao *gosto* musical privilegiado no evento, mas também pelo reconhecimento da participação de cada um em construir a *vibe* da festa.

Ainda que os presentes na ocasião celebrem uma certa identidade de participarem juntos da mesma festa, observa-se formas diferenciadas de empreender a “balada” da *rave*. A “balada” de uma *rave* extrapola a própria festa e compõem-se com outros movimentos de preparação, de associação e deslocamentos pela cidade, como também de restaurações que se fazem depois da festa².

Os *ravers* vestem-se com roupas especiais e equipamentam-se para festa. A orientação geral para o modo de se vestir é “estar a vontade”, que é tanto interpretado nos termos de roupas confortáveis, como no sentido de vestir-se de forma fantástica e exuberante - nesse sentido os *clubbers* da “periferia” dizem que “carregam no visual”. Os utensílios mais comuns levados para as

² Nesse sentido faço uso da noção de “seqüência total da performance” sugerida por Schechner (1988) a fim de observar movimentos de preparação e aquecimento (*chill in*) que antecedem a festa, e também de esfriamento (*chill out*) posterior à festa, como fases que também compõem o modo peculiar de festejar *rave*.

raves são: óculos escuros, cigarros, chicletes, maconha e *ecstasy*. Muitos também carregam bolas ou bastões para malabarismos, apitos, cangas, biquínis, protetor solar e, em menor número, instrumentos de percussão (djembê ou bongô), tubos de Vick Vaporub e chupetas. É preciso também providenciar antecipadamente um *flyer* da *rave*, um “mapa” com a descrição do caminho, sem o qual é muito difícil achar a festa³.

A “balada” da *rave* segue, então, com a reunião de grupos de “amigos” (na casa de alguém ou num bar) para a realização coletiva do percurso até a festa⁴. No percurso para a *rave* é comum as pessoas encontrarem e reconhecerem outros grupos que também se dirigem para a mesma festa, seja no carro ao lado ou no mesmo vagão de trem. Eles se reconhecem pelas roupas que vestem, músicas que ouvem e algumas atitudes genéricas⁵.

Aqueles que têm automóveis saem da cidade em “caravana” (gírias usadas entre *ravers* de classe média alta e alta) e muitas vezes encontram-se com outras “caravanas” em lojas de conveniências de postos de gasolina localizadas no percurso da festa, ou ainda locais inusitados como na balsa da represa Billings, dependendo do caminho para a *rave*.

Já entre aqueles que não possuem automóveis os encontros ocorrem na “condução” – ônibus de linha, perua ou trem – ou nos trechos de estrada de terra que realizam caminhando quando não são servidos por transporte público. Muitas vezes eles saem de casa com o objetivo de ir para a festa *rave* sem saber ao certo se existe transporte público até o local indicado ou qual seria o melhor meio – por isso saem cedo da noite ou pela manhã do dia seguinte que são horários mais bem providos de transporte. Empreendem verdadeiras aventuras que se desdobram em muitas histórias para serem lembradas posteriormente: como “aquela” em que andaram por 7 quilômetros pela escuridão, ou quando não desceram no ponto de ônibus mais perto do local da festa e foram parar bem mais longe.

³ Algumas vezes a descrição do caminho impressa no *flyer* acaba no início de alguma pequena estrada de terra, a partir donde se encontra panos ou setas de cores fluorescentes nas encruzilhadas. Mesmo sem nenhuma indicação por escrito, esses sinais representam orientação significativa e suficiente para quem se dirige a uma *rave*.

⁴ A expressão *chill in* refere-se a este movimento típico de agrupamento que antecede a *rave*, mas é pouco usada no Brasil.

⁵ Aqueles do *pedaço* podem não se conhecer, mas se reconhecem enquanto portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo, modos de vida semelhantes (Magnani, 2002).

Em março de 2002, um jovem de 20 anos freqüentador de festas *raves*, morador de Itapevi, declarou que a melhor *rave* que já havia participado acontecera um mês antes, pois naquela ocasião havia encontrado muitos “amigos”. Lembrou entusiasmado que “foi muito legal porque em cada parada [estação de trem] entrava [no vagão] mais amigos, ia entrando cada vez mais gente”, de diversas partes da cidade: “da Zona Sul, da Zona Leste”. Quando o grupo chegou na festa eles já eram “umas 50 pessoas”. Era, então, um enorme grupo que havia somado pequenos outros grupos que se juntaram durante o percurso por uma certa “coincidência” de *trajeto*, horário e meio de transporte. Esses eram “amigos” cujos os nomes o jovem de Itapevi muitas vezes não sabia, mesmo assim os “conhecia”, algumas eram pessoas com as quais ele havia conversado na ocasião de outras *raves* - mesmo quando ele não reconhecia seus rostos, reconhecia signos que os incluía no grupo dos “amigos”.

Genericamente, os grupos de jovens das classes mais altas fazem maior uso de psicoativos durante a festa, especialmente o *ecstasy* e a maconha (também do LSD, mas em menor percentagem do que nas festas de *trance*). Alguns acreditam ser a *rave* uma boa oportunidade para “enfiar o pé na jaca”, que nesse contexto pode ser traduzido como a atitude de levar às últimas conseqüências essa diversão, através da dança, do uso de psicoativos. Marcelo⁶, 28 anos, *raver* há mais de 5 anos, numa entrevista de outubro de 2003 diz que o que realmente gosta na festa é de “ficar raspa”, e isso significa que ele fica até o final de *rave* e vira a “raspa do tacho” porque tem que ser convidado a sair ou ser expulso, é um dos últimos a ser retirar. Quem “enfia o pé na jaca” perde os limites usuais, exagera no comportamento, no consumo de substâncias a ponto de “ficar raspa”.

Laís⁷, 24 anos, considerada por seu grupo de amigas como a mais “festeira”, numa entrevista respondida por e-mail em março de 2005 anuncia logo: “Eu gosto de festas tecno, embora minha primeira *rave* tenha sido psy tal gênero nunca me interessou (fui no máximo em 10 *raves* desse gênero)”. Laís, que freqüenta as *raves* desde o final de 2001, considera: “olhar a pessoas dançando loucamente é o mais curioso e engraçado”, por outro lado, não gosta de “ver os viras olhos e abraços não reais”.

⁶ Nome fictício.

⁷ Nome fictício.

“Virar os olhos” é uma expressão usada pelos *ravers* para um dos efeitos causados pelo *ecstasy*, especificamente pelo MDMA (o “princípio ativo do ecstasy” diz-se), quando a pessoa entra em uma espécie de transe, seus olhos viram-se para cima de tal forma a esconder as pupilas e deixam à mostra apenas a parte branca do globo ocular. Como a imagem dos “olhos virando” é bastante estranha, as pessoas nesse estado geralmente fecham os olhos ou usam óculos escuros, mesmo quando ainda é noite. Diz-se também que a pessoa que vivencia esse transe está “derretendo” pois essa idéia assemelha-se bastante com a sensação que é experimentada, que, aliás, muitos consideram prazerosa.

Esse transe pode assustar alguns daqueles que estão experimentando pela primeira vez o *ecstasy*, mas logo os amigos *ravers* mais próximos tranquilizam o “novato” oferecendo apoio emocional e técnico: seguram em suas mãos, descrevem verbalmente a sensação a fim de convencê-lo de que a experiência já é conhecida pelos *ravers*, não oferece perigo e por isso não deve ser motivo para medo ou pânico. Os amigos *ravers* mais experientes podem ainda sugerir que a pessoa desvie sua atenção para outra coisa, levá-lo dar uma volta pela festa ou beber um pouco de água.

Os “abraços não reais” dos quais fala Laís referem-se ao flagra da imitação de um padrão de comportamento bastante comum nas *raves*: os abraços. Mas Laís desqualifica aqueles “não reais” pois interpreta-os como pura imitação sem um desejo “verdadeiro”, já que o desejo sincero seria o sentimento que legitimaria a realidade do ato⁸.

Laís revela que, embora vá a *raves* quase todo final de semana, ainda é grande a expectativa que precede cada festa, “meu namorado diz que eu fico de carão um ou dois dias antes da festa, mas eu apenas fico mais quieta, talvez um pouco chata mesmo, mas é porque eu sinto necessidade de me concentrar para a festa.” A expectativa que precede a festa é bastante comum. Muitos, geralmente as mulheres, concordam que sentem um “frio na barriga” antes da *rave*. A ansiedade seria gerada pela expectativa de vivenciar “fortes experiências” nas *raves*. Luíza⁹, 22 anos, *raver* há mais de 2 anos, durante uma conversa em junho de 2004 é mais precisa quanto à definição de “forte experiência”:

⁸ É certo que o *ecstasy* é um psicoativo que motiva a empatia entre as pessoas, mas não age necessariamente determinando os abraços nas *raves*. Acredito que esse comportamento seja muito mais cultural, do que fruto de uma reação psicotrópica.

⁹ Nome fictício.

“não... é por causa da droga mesmo, dá um certo medo de acontecer algo errado porque você sabe que vai tomar um monte de droga”. Nesse sentido, mas não só nesse sentido, a *rave* é o espaço do risco, é um espaço onde se arrisca, onde se experimenta.

Já os *ravers* provenientes de classes mais baixas, que na sua maioria são também jovens de faixas etárias menores, não consomem tantos e/ou tais psicoativos. A grande maioria dos entrevistados nesses eventos declarou não consumir “nenhuma droga”. Para “manter-se acordado” durante toda a festa muitos consomem bebidas alcoólicas e Redbull. Essas substâncias, que também tem efeitos psicoativos, principalmente quando misturadas, não são consideradas “drogas”.

Liu, *raver* há cinco anos, em junho de 2005 considera que: “tomar uísque com Redbull já dá uma brisa ... dá uma brisa danada. Você não cansa, você fica ligado”. Ele diz que reconhece quem tomou *ecstasy* porque: “fica dançando direto, não pára de dançar. Têm gente que até pega o ritmo, mas não de ficar 24 horas dançando direto, não tem perna que agüente!”.

É preciso considerar que alguns jovens da “periferia” também consomem *ecstasy*, mas geralmente não de forma sistemática como os *ravers* das classes mais abastadas, apenas em um ou outro evento, quase como uma degustação para saber o que é. Esses jovens reconhecem que o *ecstasy* é “muito caro”¹⁰ e alguns deles se utilizam de outros psicoativos - como cocaína e misturas de bebidas alcólicas com comprimidos de Benflogim, por exemplo. Porém não é apenas o limite de recursos que define uma forma de festejar diferenciada nas *raves* para eles, muitos caracterizam o *ecstasy* como “droga perigosa”, expressam orgulho de participarem da *rave* sem “precisar se drogar” - a idéia de “precisar” remete-se a idéia de “vício”. Conotam negativamente o *ecstasy* e seu uso, também a maconha, e as todas as outras substâncias referidas como “drogas” pelo discurso das autoridades médicas¹¹.

Muitos desses jovens não precisam de “drogas” e nem mesmo de dinheiro para brincarem com o risco ou a ousadia na ocasião das *raves*. Uma das diversões comuns entre os *clubbers* da

¹⁰ Um comprimido de *ecstasy* custa entre R\$ 30,00 e R\$ 40,00 no varejo.

¹¹ A propósito da classificação médica das substâncias e a construção da autoridade dos discursos dos especialistas médicos sobre o tema das “drogas” ver Fiore, Mauricio. 2004. *Controvérsias médicas e a questão do uso de “drogas”*. São Paulo, PPGAS/USP. Dissertação de mestrado em Antropologia Social.

“periferia” é entrar na festa sem pagar o ingresso. Eles penetram na mata durante a noite, superam diversas barreiras físicas (como arbustos, rios, riachos, buracos, cercas, muros), transpõem o esquema de segurança privado da festa (homens armados e equipados com rádio escutas, muitas vezes acompanhados por cães) e para “entrarem” na festa “pelos lados”.

Como o montante dos grupos de jovens que empreendem sua “entrada” na *rave* “pelo mato” é bastante representativo¹², os organizadores das festas de *techno* e das *mega raves* especialmente, já que são as mais freqüentadas pelos *clubbers* de menor poder aquisitivo, investem boa parte dos recursos destinados para o evento em sistemas de segurança, principalmente no contingente de homens trabalhando no sistema de segurança privado.

Exemplo do elaborado esquema de segurança criado para uma festa *techno* foi visto na *rave* que reuniu dois dos mais famosos núcleos de organização dessas festas, a Circuito e a SP Groove, de junho de 2002 - vide ensaio fotográfico a seguir. Havia pelo menos três automóveis disponíveis para o serviço, dezenas de seguranças uniformizados com terno e equipados com rádios de comunicação, alguns empunhavam rifles e metralhadoras, outros andavam acompanhados de cachorros da raça rottweiler. Na entrada da festa todos eram criteriosamente revistados, inclusive o porta-mala dos carros que estacionavam na área da festa.

Os jovens que empreendem a entrada na festa pelo “meio do mato”, ou seja, pelos limites laterais da fazenda ou sítio onde ocorre a *rave*, chegam cedo da noite para começar a “brincadeira”. Muitas vezes realizam diversas tentativas sem sucesso pois são flagrados e retirados pelos seguranças. Eles declaram não ter pressa pois a festa é longa e apostam que uma hora vão conseguir entrar na *rave*, “nem que seja já pela manhã”, disse um dos entrevistados em 2002.

O documentário *Operação Cavalo de Tróia* (2004), dirigido por Axel Weisz, Thiago Boas e Laura Tafarel, é um excelente texto sobre essa prática de burlar a entrada da *rave*. No vídeo, um cinegrafista acompanha o empreendimento de um grupo de 4 jovens que procuram entrar na festa sem pagar. No caminho escorrega em barrancos, cai num riacho, machuca-se numa cerca de arame

¹² O montante de pessoas que empreendem a entrada em *raves* sem pagar ingresso, através de invasões pelo mato ou pulando cercas, chega a alcançar a marca de 20% dos participantes das festas, segundo a estimativa de alguns organizadores (núcleo Fusion e núcleo Avonts).

farpado, esconde-se das lanternas dos seguranças. Em diversos momentos é nítida a sensação de perigo e risco que toma o cinegrafista (até de pânico quando os latidos de cães se aproximam), assim como a solidariedade dos membros do grupo para a transposição dos desafios.

Muitas das vezes os jovens *clubbers* da “periferia” dirigem-se até o local da *rave* sem nenhum, ou com muito pouco dinheiro no bolso, sua “balada” se realiza através de sabotagens no sistema de cobrança de entrada da *rave* (algumas vezes também no transporte público) e no compartilhar de comidas e bebidas que os amigos proporcionam (é comum as meninas levarem nas mochilas lanches feitos em casa).

A *rave* é para seus participantes tanto uma brincadeira com o risco e o perigo como também um empreendimento coletivo de solidariedade. Até mesmo para os organizadores do evento, que nessa posição assumem responsabilidades de grande risco financeiro, contam com o trabalho solidário dos membros de seu núcleo para tornar a *rave* possível.

As festas de *techno*, principalmente as *mega raves*, são espaços de encontro de grupos diversos, e para muitos *clubbers* da “periferia” uma oportunidade rara de encontrar “amigos” que apenas se conhecem das *raves*. Didi, na mesma conversa de julho de 2005 citada acima, nota que:

“A diferença entre clube e rave é que na rave você encontra mais amigos. Na Mega Avonts todo mundo se encontrava: gente de Guarulhos, Avaré, Itú, Sorocaba, gente que mora perto de Bertioga.”¹³

Também Lui ressalta os contatos com “amigos” como principal motivo para frequentar as festas. Em junho de 2005 diz que já não vai à *rave* para dançar, como fazia antes:

“hoje em dia eu vou mais para escutar, conversar com o pessoal que conheço, meus amigos, debater... alguma coisa que acontece na festa, assim, que chame a atenção, paquerar, essas coisas assim.”

Se o universo das *raves* de *techno* parece mais marcado pela heterogeneidade (maior diferença entre classes sócio-econômicas, maior presença de homossexuais¹⁴, por exemplo) se comparado com

¹³ A sentença está no passado pois em julho de 2005 já fazia mais de um ano que não acontecia uma festa Mega Avonts, pois esse núcleo deixou de se articular para empreender *raves*.

a “cena *trance*”, ainda assim é possível notar alguns elementos estéticos e comportamentais que são recorrentes.

As *raves* de *techno* são eventos mais ligados ao gosto pelo urbano, ao universo *clubber*. As vestimentas usadas voltam-se para o *street wear*, mantendo o princípio de “estar a vontade”, algumas vezes é carregado com acessórios exuberantes, geralmente feitos de plásticos ou materiais cuja tecnologia está associada ao final do século XX, sempre em cores fluorescentes ou brilhantes. As camisetas são de cores inteiras e fortes (azul, vermelho, laranja, etc., sem degradê) ou em cores neutras como o branco e o preto. É verdade que é possível notar a predominância do preto, mas ele geralmente serve de suporte para estampas em cores fluorescentes.

Algumas estampas das camisetas e outros adereços comuns nessas *raves* brincam com ícones da comunicação de massa e dos grandes conglomerados econômicos. Nesse sentido, encontramos camisetas com logotipos de grandes marcas como Texaco ou Coca-cola que ora são invertidos (vide ensaio fotográfico que segue), ora servem como formato para vinculação de outro texto, nesse caso um texto que se remete ao universo próprio dos *clubbers* (como nomes de *clubs* e gírias).

Essa articulação simbólica traduz o reconhecimento da influência das grandes empresas do consumo e da “cultura” e uma apropriação peculiar dos ícones dessa influência. Sem negarem ou resistirem diretamente ao domínio da “indústria cultural” e dos grandes conglomerados, os *ravers* e *clubbers* parecem abraçar sua condição de “massa” e se divertir com isso, brincam com um simbolismo que está presente em sua vida cotidiana (os logotipos dessas empresas, os ícones da televisão), deslocam-o para o universo fantástico da festa rerepresentando-os na forma de um deboche da própria dominação¹⁵.

¹⁴ Sobre a preferência dos homossexuais e sua associação em eventos onde prevalecem os gêneros musicais *techno*, *break beats* e *house*, ver Ronaldo Trindade (2004) “De dores e de amores: transformações da homossexualidade paulistana na virada do século XX”. São Paulo: PPGAS/ USP. Tese de doutorado em Antropologia Social.

¹⁵Essa brincadeira de inversões com ícones da comunicação de massa é um bom exemplo de como os sujeitos sociais não são meras subjetividades manipuladas pela indústria já que é uma manifestação de atuação política diante símbolos que lhes são apresentados. Essa prática não representa um simples *pastiche* como previa Jameson (1985) para tratar da especificidade da experiência pós-moderna do espaço, não é um mimetismo neutro, mas uma paródia com impulso satírico.

No ambiente das festas de *techno*, tal como é reconhecido como típico do universo *clubber*, também são recuperados diversos motivos infantis: chupetas¹⁶, bichos de pelúcia, adereços e penteados femininos (maria-chiquinhas, presilhas), camisetas *baby look*, personagens de desenhos animados (que também são referências da “indústria cultural” globalizada). Seus (re)usos falam sobre a obrigação social de “crescer” e deixar as referências da infância, seus prazeres e belezas. Esses motivos infantis reforçam a idéia de que a festa é o lugar da brincadeira, do jogo lúdico, que beira a infantilidade pois é um exercício de liberdade quanto aos papéis sociais cotidianos.

IV. Rave SP Groove / Circuito

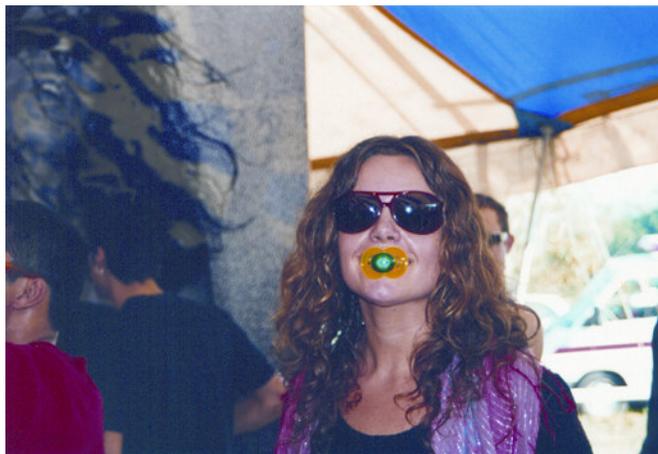
Arujá (SP)

9 de junho de 2002

A SP Groove e a Circuito são dois dos núcleos de festas *raves techno* mais famosos de São Paulo. Esta edição especial em que os dois grupos se uniram reuniu aproximadamente 3.000 pessoas. A festa durou mais de 18 horas, na Fazenda Arujabel, local que vêm sendo regularmente alugado para a realização de *raves*. Todas as pessoas entrevistadas nessa *rave* consideraram a festa “muito boa”.



¹⁶ A chupeta também tem o apelo de proporcionar uma experiência sensorial apreciada principalmente entre os consumidores de *ecstasy*: o chupar (o ato de fumar também proporciona um prazer nesse sentido).







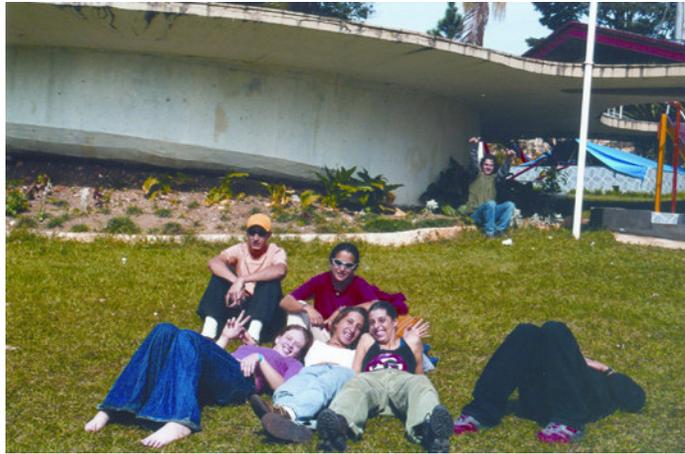


V. Bombator
Interlagos (SP)
29 de maio de 2002

Figura 14. Flyer da rave Bombator de maio de 2002



Rave realizada num sítio na região de Interlagos, Grande São Paulo, na véspera do feriado de Corpus Christ, entre a meia-noite da quinta-feira e duas horas da tarde da sexta-feira. Reuniu aproximadamente duzentas pessoas, público este que ficou aquém das expectativas dos organizadores que estavam esperando aproximadamente quinhentas pessoas, conforme foi possível projetar pela infra-estrutura disponibilizada. Esta foi uma rave com características típicas de uma festa de *techno*: DJ's que tocavam *techno* e *break beats*, pouco investimento na decoração e valorização do sistema de som (o flyer da festa traduz essa ênfase).



É interessante notar que desde meados de 2004 alguns jovens “da periferia” adeptos do *techno* começaram a organizar suas próprias *raves* e assim a iniciativa deixa de ser apenas de grupos das classes mais alta. São festas que se diferenciam principalmente pelo investimento financeiro mas que parecem articular as mesmas expectativas e atitudes de seus participantes¹⁷.

Os *flyers* dessas festas tem pouca elaboração de imagens (em geral utilizam fotografias da atividade dos DJ's ou grafismos sobre *aliens*) e impressão de menor qualidade. Os *flyers* anotam as informações mais pertinentes como: local de compra antecipada de ingressos, preço, *line-up*¹⁸, mapa e caminho para a festa. Alguns também trazem fotografias do sítio onde se realizará a *rave* ou a propaganda de “chácara com muito verde”. Diferente das festas organizadas por núcleos das classes altas essas *raves* não dispõem ingressos antecipados na Galeria Ouro Fino, mas sim na loja Guerra Mix e outros locais (lojas de roupa ou de música) em cidades mais periféricas da Grande São Paulo como Itaquaquecetuba e Guarulhos. Os preços variam entre R\$ 3,00 e R\$10,00, em contraposição as outras *raves* que cobram ingressos à partir de R\$ 25,00.

Figura 14. Flyer da rave Infarto de abril de 2005

INFARTO

30 de Abril
Chacara Tio João - Est. da Pedreira - Suzano

A Rave INFARTO tem o prazer em convidá-lo, para a nossa segunda edição, em uma chácara com muito verde, são mais de 15 horas de festa, pista ao ar livre, 19 DJs, decor, Flair, piscina, bar, vj, mais o lançamento do DVD Rave INFARTO.

Line up Djs:

- 22:00 Leandro R. - Techno
- 23:00 Ricardo Demillo - Ghetto Techno
- 00:00 Conex - Techno
- 01:00 China e Henry Jay - Techno
- 02:00 Marco Zanut - Techno
- 03:00 Barba - Techno
- 04:00 Liu ken - Hard Trance
- 05:00 Wander M. - Hard Techno
- 06:00 Warner Vs Claudio Bay - Acid Techno
- 07:00 Lil - Psy
- 08:00 K K Rodrigues - D'n'B
- 09:00 Mouse vs Jhony DB D'n'B
- 10:00 Ricardo R. - Hard Techno
- 11:00 SUB - Hard Techno
- 12:00 Lobeo - Hard Techno
- 13:00 Daniloko - Techno

Jam Session!!!

4,00 | 2,00

info.fest: 81241432-83681270-71926073

(Mapa via) →

Estação de trem Suzano

Terminal de Ônibus
Av. João B. Filopoli

Máquina de Freio

Posto de gasolina

Av. F. Maranga

Posto de gasolina

Santão J. & Miguel (Bateu/Artem exata)

Est. Pinheirinho

Praca Pd. Cicero

campo de futebol

Fábrica Kinber Clark Kenca

Magl Dutra

Est. da Pedreira

Jd. São José

escola de Bartolomeu

Santão Raquel Anja

R. Marginal (estrada de terra)

3º ponto Est. da Pedreira

Rave INFARTO

Como chegar: Quem vem da estação do trem: pegar o trem com destino a Guaranizes e descer na estação de suzano (lado esquerdo) e pegar o ônibus Pedreira e descer no terceiro ponto da Estrada da pedreira após a escola Bartolomeu.

Quem vem de outra: pegar o ônibus Suzano via pinheirinho e descer em frente a fábrica kinber clark kenca e seguir o mapa... Boa Festa!!!

Apolo:

GUERRA MIX
☎ 3337-7093
Av. São João 518 Lj. 1

GUERRA MIX
R. B Constanti, 319
Centro Suzano Lj. 2
93588415

Adegá

www.emebr.cjb.net

¹⁷ Não foi realizado trabalho de campo nessas *raves* pois apenas descobri sua existência no início de 2005, época dedicada à redação da dissertação. Ainda assim realizei entrevistas e conversas com alguns de seus frequentadores e organizadores.

¹⁸ Lista da seqüência da apresentação dos DJ's.

Enquanto os *flyers* das *raves* organizadas pelos grupos mais abastados descrevem o caminho da festa a ser percorrido por automóvel, deixando apenas indicado o telefone daqueles que disponibilizam transporte coletivo particular, tal como o Thelles Bus. Os *flyers* das *raves* dos jovens moradores da “periferia” traduzem uma perspectiva bastante diferente: descrevem o caminho da *rave* indicando o recursos de transporte público disponível (algumas vezes sem indicação para se chegar na festa de carro), e mais, num desses *flyers* havia inclusive a descrição de um segundo trajeto de transporte público “mais econômico” para a *rave*.

O investimento desses empreendimentos volta-se especialmente para o sistema de som, mas também é possível notarmos cuidados com a decoração dessas *raves* - vide por exemplo fotografias que seguem (através do entrelaçamento de fios de cores fluorescentes suspensos demarca-se a área da pista de dança.).

São festas que começam mais cedo do que as outras, por volta das dez horas, pois a maioria de seus participantes se dirige para a *rave* através de transporte público. Apresentam DJ’s discotecando uma maior variedade de gêneros musicais ainda que essas festas estejam associadas simbolicamente com o universo do *techno* e também do *drum’n’bass*. Vale lembrar que o universo simbólico do *drum’n’bass* no Brasil está nitidamente ligado à história e à idéia da “periferia” da cidade de São Paulo e mantém relações de afinidade com o universo do *techno*, como exemplo posso citar a festa chamada de Inside Drum’n Bass & Techno all night long, realizada em Itaquera, em meados de 2005, que dispunha duas pistas paralelas, uma de *drum’n’bass* e outra de *techno*.

VI. Rave Infarto de abril de 2005

As fotografias que seguem foram generosamente cedidas por Liu Ken, que além de DJ no evento também faz parte do núcleo de organização dessa *rave*. Na seleção do material a ser emprestado, ele fez questão de incluir uma foto que destaca os equipamentos da produção de som.





4.2. Festa de *trance*

As *raves* associadas ao *trance* articulam um universo estético, comportamental e ideológico bastante diferente daquele das festas de *techno*, ainda que ambas as festas mantenham uma mesma estrutura. As festas de *trance* particularizaram-se historicamente como o universo privilegiado da “cena eletrônica” para a psicodelia, as fadas, os deuses e gurus indianos, a transcendência espiritual.

Conforme anota Livia, num ensaio de 30 de setembro de 2004, disponível no site Zuvuya¹⁹:

“O *trance*, além de estilo musical, pode ser considerado uma experiência lisérgica para alcançar outros níveis de consciência. As pessoas buscam a transcendência ou espiritualidade no ambiente psicodélico através da música, com auxílio das drogas, contato com imagens da cultura mística, símbolos de deuses e rituais tribais.”

A proximidade com a natureza, com os participantes da *rave*, a música e a dança coletiva são, nessas *raves*, canais privilegiados para a realização das experiências espirituais desejadas. Uma reportagem da revista *Beatz* de 2002 trata das atividades, expectativas e crenças de uma frequentadora de festas de *trance*, Pitty, e anota:

“A possibilidade de ficar descalça purifica a minha alma’, conta a raver, que ama tomar banho frio de cachoeira, admira borboletas e diz que acredita em fadas e duentes. Quando

¹⁹ Disponível em: www.zuvuya.net. Capturado em 4 de dezembro de 2004.

sai para dançar, ela conta que se sente parte de um ‘outro universo, imaginário e idealizado’”. (Zanetti, Beatz nº 6, 2002: 16)

Outro exemplo é de Patrícia²⁰, vendedora de roupa de uma loja na Galeria Ouro Fino, que mesmo sem narrar figuras fantásticas, numa entrevista de agosto de 2004, também ressalta o contato com a natureza e com a coletividade da *rave* como experiências marcantes:

“A última *rave* que eu amei foi um festival maravilhoso de 4 dias em Ubatuba, o ano passado. Foi em Picoti, o lugar mais lindo do mundo...

Fui com dois amigos meus e lá... você sempre conhece todo mundo. (...)

A festa era gigante... e assim: aqui era acampamento, aí tinha um monte de chill out, um monte de barzinhos, um monte de restaurantezinhos – quiosques de praia –, e lá do outro lado tinha um monte de árvores que fechavam assim e aqui ficava a tenda. Ah... lindo, lindo! Saía da tenda, tu corria dois metros já chegava na praia. Ah... era uma delícia.

Mas a última festa boa que eu fui chamava Links. Era só som progressivo, é o que eu gosto: trance, que é progressivo. E tava muito gostosa. Eu acho que se tinha mil pessoas era muito. Um lugar muito bonito. Cheguei sábado três horas da manhã, tava calor e aí fiquei até sete horas da noite do domingo, debaixo da árvore, sentada com os amigos, escondendo do sol, na frente de um lago lindo.”

Patrícia diferencia, então, as festas de *trance* das de *techno* pela maior proximidade entre os presentes:

“A galera do techno nem senta, vai só a panelinha, conversa entre eles tal, não tem essa coisa de ‘puta vou conhecer um monte de gente’. A de trance não, você já leva a canga, você já estira a canga no meio do mato, aí você fica quieta rindo pro nada, de repente aparece alguém rindo pra você, aí senta, aí vem conversar ‘oi, e aí, tudo bem? Qué uma água?’ A galera parece que se introsa mais.”

Uma interação intensa com os participantes da *rave* é muitas vezes comentada pelos *ravers* como razão privilegiada para se frequentar as festas de *trance*, e o formato de festa chamado de festival é privilegiado para isso. O diário de campo de uma “baladeira” anônima publicado na revista Beatz nº 3 de 2003 anota as características mais apreciadas nos festivais:

“O bom de festival é isso: como dura vários dias, ninguém fica desesperado só pra bombar. Dá tempo para conversar, curtir a natureza, ficar louco, é claro, bombar na pista e até namorar.” (Beatz nº 3, 2003: 17)

²⁰ Nome fictício.

Em seguida, a “baladeira” anônima ainda comenta:

“Como é bom tomar banho de cachoeira no meio do nada e sentir o prazer que podem oferecer a água limpa, o ar puro e a beleza das plantas. Estar em lugares como este e conhecer pessoas que têm algo a mais do que aparência e grana, é um privilégio. Eu sempre me senti diferente dos outros, Na escola nunca tive muitos amigos... Foi nas ‘raves’, no universo da música eletrônica, que eu conheci e continuo conhecendo pessoas espirituais parecidas comigo. As conversas e idéias são parecidas com as minhas...” (Beatz nº 3, 2003: 17)

Na oportunidade dos festivais, mais do que experimentar a *vibe* de uma boa festa, é possível realizar uma vivência de “comunidade” de forma mais plena. Nessas ocasiões fala-se “comunidade” como uma noção contraposta à de “sociedade” que, então, é referida ao cotidiano da cidade: o mundo da competição, da ganância, da obrigação, da ansiedade, da alienação, do capitalismo, da intolerância com a diversidade humana, da falta de respeito com a natureza.

Os contatos, as trocas, as danças coletivas entre os participantes dos festivais se estendem por vários dias, mas não é só o período de duração mais longo da festa que reforça os laços entre os presentes, também diversos mecanismos de seleção dos participantes atuam para a identificação entre os *ravers*.

Os festivais realizam recortes sócio-econômicos de seleção entre os participantes da *rave* por acontecerem em locais longínquos, de difícil acesso que muitas vezes requerem transporte privado (por exemplo: ilhas e praias no sul da Bahia, fazendas na Serra do Cipó em Minas Gerais) e também por cobrarem preços mais altos, à partir de R\$ 70,00 (os ingressos de alguns festivais chegam a custar R\$ 350,00 se comprados na porta do evento). Na verdade, o preço dessas *raves* pode não ser considerado tão caro se levarmos em conta que a organização do evento disponibiliza área de camping, banheiros e duchas durante todo o período da festa, que se estende por vários dias, ainda assim o valor absoluto do ingresso é bastante alto. É a falta de disponibilidade de tempo e dinheiro - uma “balada” de 4 dias, que requer em média mais dois de viagem (ida e volta), e custa pelo menos R\$ 150,00 (ingresso + transporte + comidas e bebidas) – que impossibilita, *a priori*, os jovens de classes sócio-econômicas mais baixas de participar dessas *raves*.

A seleção dos participantes das festas de *trance* é desejada muitas vezes, mas nunca tal seleção é comentada em termos da condição sócio-econômica de grupos e indivíduos, ainda que seja

efetiva. Os organizadores e freqüentadores dessas *raves* dizem que a festa é aberta a todos mas admitem são indesejáveis pessoas que usam drogas excessivamente, não respeitam os outros participantes e/ou a natureza, sujando e agredindo-a. Os comentários mais comuns²¹ dizem que são indesejáveis: “pessoas que usam drogas despropositavelmente”, “enchem a cara” (com bebidas alcoólicas), “ficam cheirando lança-perfume” (prática associada aos chamados “playboys”), “jogam lixo e bitucas de cigarro no chão”, “usam sabonetes e shampoo nos rios”, “ficam só de azaração” (uma forma de paquera praticada em *clubs* e outros eventos na cidade, de “chavecós já manjados” e que “pega” no corpo das mulheres sem sua permissão), “provocam brigas”. Essas seriam atitudes que se desviam dos propósitos mais elevados da forma de festejar *rave*: a celebração coletiva para a transcendência de formas de interação típicas da vida cotidiana nas cidades.

O anúncio do Festival de Carnaval da Tranceformation²², que aconteceu em março de 2003 na cidade de Pirenópolis em Goiás, faz comentários pontuais a uma desejável seleção de pessoas na *rave*:

“Durante estes dias, num local privado, discreto e acolhedor, um camping completamente arborizado e sombreado estará disponível para ser povoado pela **nata do underground, do Brasil e mundo**.

Uma festa roots, **para limitado número de pessoas, aquelas que fazem questão de boa música e boa vibe, e principalmente boa companhia**, tudo isso em meio à natureza pura, em local aberto especialmente para o evento.

O Dancefloor, colocado em meio a uma praia de rio, areia branca e limpa, receberá artistas do Brasil, Alemanha, França, Inglaterra, México, Israel e Dinamarca, todos no intuito de buscar trazer arte, mágica e celebração **para o público especial** que, tradicionalmente comparece aos eventos de qualidade da Tranceformation. (...)

O Chill Out, também coberto e construído em meio à mata que margeia a festa, terá uma extensão com bancos e fogueira, local predileto de duendes e **autênticos freaks**. Será mais que nunca aquele local aonde se acerta a sintonia fina e se recarrega as baterias para então levar as melhores energias para todos os cantos da festa.

Esta a proposta e o chamado da Tranceformation. **Não só festa, mas também ritual**. Não só música, mas também uma história bem contada. **Não só pessoas, mas também energias em conexão.** (grifo meu)

A citação é interessante ainda para anotar que o grupo seletivo que se espera compor nessas festas procura incluir vários estrangeiros a fim de representar uma “tribo global”, expressão verbal

²¹ Comentários anotados em meu diário do trabalho de campo em *raves* durante os anos de 2002 e 2003.

muito comum no universo das *raves*. A referência à “tribo global” também está expressa no constante uso de imagens do planeta Terra e de *aliens*, que servem como par de oposição para a figura do humano. Vale ainda anotar que o ser humano, quando representado nas *raves*, sempre assume uma figura genérica, ilustrado apenas por contornos, e nunca adquire uma figura étnica muito precisa. Ainda que assim, a tribo global desejada pelos *ravers* tranceiros brasileiros parece ter “a cara” de *freaks* europeus e jovens brasileiros de classe média alta e alta: “a nata do underground do Brasil e do mundo”.

Veruska, *raver* desde 1996, numa entrevista de novembro de 2003, comentou que gostou especialmente do festival Celebra Brasil de 2003 - vide ensaio fotográfico dessa festa nas próximas páginas - exatamente por causa da presença de estrangeiros:

“A festa que mais veio estrangeiro no Brasil foi esta. A festa encheu, não tinha nenhum cybermano. Eu adorei a Celebra, adorei ficar lá com meu filho o dia inteiro, até tem uma foto dele no site. Adorei, de noite eu dormia, de dia ficava com meu filho, ele correndo de um lado pro outro. Nossa ... amei. Tinham poucas pessoas, só tinha gringo, os brasileiros não foram. Foi ótimo, eu falo pra minhas amigas que foi a melhor private que eu fui, a private mais chique que eu fui, só de gringo.”

Foi um festival que teve seu local transferido de uma praia em Paraty para a uma fazenda em Arujá às pressas devido a resistência das autoridades locais de Paraty. Realizada na região da Grande São Paulo, a festa de *trance*, assim, corria perigo de ser invadida por cybermanos.

De fato os festivais são as *raves* brasileiras com maior presença de estrangeiros atualmente. O próprio formato dos festivais, que duram vários dias, os transformam em evento para a venda de pacotes turísticos na Europa. Mas o principal fluxo de estrangeiros se dá mesmo motivado pelo convite para as apresentações de DJ's. Há, na verdade, uma rede internacional de trocas de convites entre os DJ's e os organizadores das *raves* que orienta todo um fluxo de pessoas (parceiros e grupo de amigos dos DJ's), de informações (musicais, ideológicas, comportamentais, estéticas), de produtos (LP's, psicoativos, roupas, adereços) e de contatos. Tal rede garante que as festas de *trance* brasileiras, especialmente os festivais, representem referência importante no circuito mundial das *raves*.

²² Disponível no site www.tranceformation.com.br . Capturado em 10 de abril de 2003.

Também o poder aquisitivo mais alto dos freqüentadores das *raves* de *trance*, em geral, possibilita que esses *ravers* realizem viagens ao exterior para a participação em eventos de outros locais do planeta e reforcem os fluxos internacionais²³.

Um dos exemplos mais notórios do universo do *trance* brasileiro é o DJ Rica Amaral, do núcleo de *raves* Xxxperience. Num entrevista cedida para o site Baladaplanet, em outubro de 2003, Rica Amaral fala sobre esse fluxo e suas motivações:

“Como a xxxperience, minha carreira de dj também vem evoluindo a cada ano, e a cada ano invisto nela em questão de minha crença, desde 97 vou a Europa no verão para trazer todo tipo de informação, para a minha festa e para a minha carreira de dj, como música, porque em 96, 97, 98, 99..... não havia loja de disco, não havia internet , então se queria informação era indo na fonte, nessas já foram três verões em Ibiza pegando todas as baladas psy proibidas, nos lugares mais maravilhosos, 4 verões na Alemanha, Londres, Portugal, Suécia, Dinamarca, festival do eclipse solar 7 dias de psy na Hungria, até Love Parade.... ou seja, a maior experiência que pude ter de pista de dança eu fui atrás, pois acredito no poder da dança e acredito que a dança cura, e acredito que para ser um dj de *trance* psicodelico, psicodélico, impressionante experimentar a dança, entender o que acontece no dance floor, viver a cura, e isso hoje eu sei como poucos.....

Repórter: Quais países você tocou e como foi a experiência lá fora?

Já toquei na Suécia 3 vezes, toquei em Londres, em Portugal no Boom Festival 2002 no main floor, toquei no Shiva Moon na Alemanha em 2002 e 2003 ambos no main floor, Fusion Festival na Alemanha 2003 no main floor, Liquid Time Festival na Alemanha 2003 main floor, Excalibur Festival Alemanha 2003 main floor, Voov Experience 2003 na Alemanha, main floor, posso te garantir que estes são alguns dos melhores dance floor de psychedelic *trance* do planeta, e a experiência de se apresentar para este tipo de público é única, devido a tempo de cultura, o que diferencia do 'crowd' do Brasil que é do cara*** , mas a diferença é que lá as pessoas vão pela experiência da dança e aqui ainda muita gente não sabe disto ou não experienciou e vai apenas pela balada o que acaba tornando-se monótono e as pessoas se tornam cheias de teorias, com pouco conteúdo, pois esta história não é de teorias e sim de sentimentos profundos e poderosos, não existe manual de instruções e sim o corpo e a alma como um, cada um com sua experiência particular, com seu modo de sentir e de ver através da música e da dança... Agora estou indo de novo à Alemanha... dia 22 de novembro haverá uma festa em um prédio antigo em Berlin, irado, e eu sou a atração principal..... resultado do bom trabalho apresentado neste verão

²³ Nas ocasiões das festas de *trance* nas quais realizei trabalho de campo, nos anos de 2002 e 2003, observei várias vezes conversas de participantes da *rave* que narravam experiências em outras *raves* no exterior, como na África do Sul, na Espanha (Ibiza) e na Tailândia. Nas festas de *techno* algumas pessoas também disseram que já haviam presenciado *raves* em outros países, mas essas geralmente eram oportunidades que surgiam por causa de viagens para outros fins, como estudo ou trabalho. Diferentemente, muitos dos *tranceiros* tratavam de planos de “juntar dinheiro” para, nas próximas férias, viajar especialmente para a participação em festivais no exterior, ou seja, o motivo das viagens eram especificamente os próprios festivais.

Na entrevista Rica Amaral fala ainda da proposta *psytrance* de realizar fortes experiências sensoriais, de “sentimentos profundos e poderosos”, através da música e da dança. A valorização da dança e da música para a realização dessas experiências algumas vezes se faz em detrimento do uso de psicoativos.

A “cena trance” foi pioneira em campanhas de desincentivo ao uso de “drogas” nas ocasiões das *raves*. Muitos dos principais personagens dessa “cena” fazem questão de ressaltar a possibilidade de vivenciar a *vibe* da festa sem o uso de “drogas” - conceito, que nesse contexto, não inclui a maconha e o tcharas (comumente usado entre os tranceiros que realizam viagens freqüentes ao exterior).

Ana²⁴, por exemplo, *raver* há mais de oito anos, faz questão de notar que natureza da *rave* pode ser experimentada sem o uso de drogas, confessa numa entrevista de outubro de 2003: “vai fazer três anos que eu não tomo droga, eu vou numa festa e danço tranqüilamente a noite inteira do seu lado, você olha para mim e diz que eu tô doidona... mas eu tô caretona, porque tá no sangue.”

O ensaio de Livia, de setembro de 2004, capturado no site Zuvuya (já citado acima), assume, em algumas passagens, um certo tom científico para pregar a substituição de psicoativos pela prática da dança nas *raves*:

“O estudo dos primórdios da civilização mostra a ligação entre a dança e a busca espiritual. Dessa forma, a dança deixa de ser simples movimento e passa a ser ferramenta para ampliar a capacidade sensorial e de compreensão do mundo. (...)”

Quando dançamos trance psicodélico, estamos, acima de tudo, alinhando o corpo e a alma, construindo a auto-imagem do corpo, e destruindo todas as energias negativas.

Infelizmente, muita gente só consegue chegar a um estado extra-corpóreo através das drogas. (...)

A atmosfera psicodélica do trance e os movimentos rítmicos da dança proporcionam prazer sem o uso das drogas, fato científico. A quantidade de betaendorfina e de ocitacina (hormônio também relacionado ao orgasmo) liberada no organismo quando dançamos nas *raves*, levam o corpo a um estado de transe, satisfação, êxtase e prazer.”

Há diversos grupos de *ravers* que procuram educar quanto aos usos de psicoativos nas festas de *trance* para que o consumo não seja inconseqüente, mas o uso desses não é necessariamente

²⁴ Nome fictício.

indesejável. “A droga é um dos 5 caminhos para se alcançar a ressonância”, diz Luiz, numa conversa durante a *rave* Trancendence de julho de 2003 (vide ensaio fotográfico que segue). Ressonância seria “o alinhamento dos quatro corpos do humano: o corpo físico, o mental, o espiritual e o emocional”. Segue a transcrição da fala de Luiz que realizei durante a entrevista:

“Como um combustível do corpo, a droga é como qualquer outro alimento, e tal como os alimentos tem efeitos específicos. O doce [LSD], por exemplo, abre o 3^o olho, então possibilita a visão dos seres que estão pensando. Já o MD [tal como ele chama o princípio ativo do *ecstasy*] ativa o Chakra cardíaco, facilitando o amor incondicional. Porém as dosagens são fatores importantes e devem ser consideradas pois quando alguém dá mais amor do que pode cria mágoa. (...) Não há mal em tomar um ou outro ingrediente, mas este é um caminho efêmero, que logo se esvazia, porém tem a vantagem de possibilitar o conhecimento, a experiência primeira a certo estado de ressonância.”

Muitas vezes o uso de psicoativos é simbolicamente associado à práticas indígenas, “xamânicas”, e essa associação da *rave* com o “ritual” é preciosa para os tranceiros. Segue outro trecho do mesmo ensaio de Livia citado acima:

“Nos rituais xamânicos, ritmos fortes acelerados e o uso de plantas alucinógenas provocam os efeitos de transe necessários para alinhar o corpo, mente e alma, atingindo uma suposta comunicação dos índios com os seus deuses. Em transe e em outro plano espiritual, os índios adquirem ensinamentos em suas experiências, sempre em contato com a natureza. No transe, as batidas do xamanismo se tornam eletrônicas com caráter hipnótico à música, e as drogas, em grande parte, sintéticas. Em ambos ambientes, seja no ritual tribal xamânico ou no ritual eletrônica transe, a dança representa a busca por um estado de transcendência coletiva. Podemos inclusive comparar os líderes espirituais, Xamãs, com os DJs. Ambos controlam o ritmo, a frequência, a velocidade do som psicodélico, proporcionando aos demais o estado de transe.

O Psychedelic Trance recupera o sentido tribal e transcendental de dançar. As raves se comparam às cerimônias indígenas religiosas, como as do Pow-wows americanos, ou nos cânticos noturnos Truká (interior de Pernambuco), que usam a música repetitiva e a droga Jurema para contactar um universo paralelo.”

As citações acima são apenas ilustrações das combinações de temas, frases e referências diversas operadas pelos *ravers* tranceiros para significar a prática de suas festas. As matrizes discursivas e a forma de operá-las coincidem com aquelas do chamado Movimento Nova Era (Magnani, 1999).

Tal como observou Magnani (1999) no conjunto das práticas do *circuito* neo-esotérico, os *ravers* tranceiros também costumam enfatizar o que é celebrado como coincidências entre

descobertas científicas recentes e verdades há muito conhecidas via Tradição. Magnani nota que a noção de “Tradição” é usada de acordo com um sentido bastante particular no meio neo-esotérico:

“Tradição é considerada a fonte e depositária de determinado tipo de conhecimentos a respeito da natureza, destino e lugar do homem na ordem mais geral do universo, produzidos ao longo do tempo, nas mais diferentes sociedades. Disseminados e não raro dissimulados num amplo corpo de doutrinas secretas, mitos fórmulas herméticas e saberes empíricos, tais conhecimentos formariam uma corrente perene e ininterrupta – ainda que descontínua e às vezes subterrânea ao plano da manifestação – suscitada por questões comuns a toda a humanidade e ancorada em capacidades cognitivas desenvolvidas por grupos e personagens especiais, presentes em todas as culturas.

Dada sua amplitude, torna-se difícil determinar exatamente quais conhecimentos, crenças, saberes, mitos e outros elementos constituem o repertório dessa sabedoria tradicional; nela cabem desde peças universalmente difundidas e reconhecidas até por seu valor literário (como o poema épico hindu *Bhagavad Gita*, por exemplo, ou então os relatos da mitologia grega, as sagas nórdicas etc.) até fórmulas e ritos mágicos atribuídos a povos caçadores pré-históricos sem escrita.” (1999: 82-83)

Também nas *raves* as referências à Tradição são muitas, e novas combinações parecem surgir a cada nova festa ou novo discurso, ainda assim, durante o período entre 2002 e 2004 as citações mais frequentes no universo das festas de *trance* brasileiras eram do hinduísmo, do “xamanismo”, do Osho e do Calendário da Paz²⁵.

A associação da *rave* com o “ritual” extrapola o discurso falado e escrito pelos tranceiros e manifesta-se em toda a teatralização desse modo de festejar. Essa atuação vale-se da (1) valorização de roupas, adereços e pinturas corporais indígenas e étnicos, (2) de conversas sobre misticismo durante a festa, (3) da escolha dos lugares para os eventos, (4) de decoração dos ambientes das *raves* (que recebem tendas indianas, panos com desenhos de deuses hindus, esteiras, redes, fogueiras, etc.), (5) da interpretação da música como um *mantra* e também do uso de sonoridades étnicas na música, (6) do convite de indígenas para a participação no evento²⁶, mas realiza-se efetivamente pela *performance* grupal que é empreendida, tal como discutiremos no próximo capítulo.

²⁵ O Calendário da Paz é uma forma de organização esotérica inspirada pela reeleitura realizada por José Argüelles do calendário dos Maias. Organizado internacionalmente sob uma bandeira e o nome de Nação Arco Íris, o Calendário da Paz vêm ganhando espaço em algumas *raves* brasileiras de *trance* especialmente a partir de 2002. Para maiores informações consultar site oficial da Campanha para o Novo Tempo <http://www.calendariodapaz.com>; e também o site internacional <http://www.tortuga.com>.

Cabe nesse momento ressaltar que dessa fonte perene de conhecimento, a Tradição, os *ravers* reúnem elementos e frases em arranjos particulares para, então, invocarem a Ciência a referendar as verdades já antecipadas pelos antigos saberes.

Magnani (1999) também nota que nessa operação os neo-esotéricos não se valem de qualquer Ciência, mas preferencialmente da física, da matemática e da biologia entre as naturais ou exatas; e da antropologia, da arqueologia, da história das religiões e das ciências cognitivas e psicológicas, entre as humanas. Dessas disciplinas se recortam e privilegiam determinados enfoques, hipóteses ou linhas consideradas, pelos neo-esotéricos, “de ponta”: a mecânica quântica, a teoria do caos, as estruturas dissipativas, a hipótese Gaia, etc.; ou constrói-se uma leitura muito particular, como numa “arqueologia fantástica” que decifra inscrições rupestres atribuídas a civilizações desaparecidas ou mesmo seres de outras galáxias.

É a noção de evolução que, então, põe em movimento os sistemas explicativos que se valem do par Tradição/ Ciência definindo seus termos de modo peculiar e hierarquizando-os, pois à ciência cabe um papel subordinado. A perspectiva evolucionista da lógica operada pelos *ravers* é aplicada em vários planos: o individual, o histórico e o universal, produzindo várias temporalidades – a propósito ver Magnani (1999) -, mas vale ressaltar que legitima especialmente a idéia de que na instância individual é possível progredir e atingir “níveis superiores de consciência”.

Os discursos e a própria prática das *raves* articulam uma certa síntese entre avanços tecnológicos e científicos típicos da civilização ocidental com costumes e saberes tradicionais de culturas distantes no tempo (as grandes civilizações do passado como os Maias) ou no espaço (culturas indígenas remotas) a fim de que seus participantes experimentem um “estado humano mais pleno”.

A intenção de realização de um estado humano mais pleno revela-se também na intenção de vivenciar o momento presente e na preocupação ecológica com o planeta Terra.

²⁶ O convite e a presença de indígenas nas *raves* brasileiras merece uma análise mais cuidadosa, que não será desenvolvida nesta dissertação. Nesse momento vale anotar apenas que nos anos de 2002 e 2003 eu presenciei três *raves* que contaram com a presença de indígenas assumindo diferentes formas de inserção na festa.

A intenção da vivência do presente traduz-se numa ideologia hedonista que busca a experiência de sensações e emoções marcantes e prazerosas. Nesse sentido, tanto nas *raves* de *trance* como nas de *techno*, psicoativos são usados sem nenhuma culpa como uma apropriação de tecnologias para a realização de experiências sensoriais prazerosas.

Já os discursos sobre a preservação do planeta e esforços para a alocação adequada do lixo gerado pelas festas se estavam presentes desde as primeiras *raves* brasileiras mas ao longo do tempo esses discursos ecológicos foram associados especialmente ao universo do *trance*, sendo apenas residual nas festas de *techno*.

A preocupação ecológica é traduzida em ações efetivas de gerenciamento ambiental nas festas de *trance*. Do universo dos frequentadores dessas *raves* já surgiram diversos projetos, como o Ecocê, e uma ONG, a E-Brigade, voltados para a conscientização ecológica e o gerenciamento de impactos ambientais.

A gestão ambiental nas *raves* de *trance* inclui o planejamento da infra-estrutura da festa, a coleta seletiva do lixo, a educação ambiental e a tentativa de inclusão de parte da comunidade local nessas ações. Quanto à infra-estrutura, geralmente são propostas obras de menor impacto ambiental como fossas sanitárias distantes a pelo menos 200 metros das fontes e cursos de água, e o uso de materiais alternativos (como o bambu) nas construções. Muitas vezes o que é servido como alimento ou bebida nas *raves* é planejado com o objetivo de gerar menos embalagens. São disponibilizados e espalhados pelo espaço ainda muitos recipientes para o lixo, recipientes específicos para cada tipo de material. A educação ambiental nas festas toma a forma de placas, cartazes e projeções que veiculam mensagens sobre o cuidado com bitucas de cigarro, a seleção e o depósito do lixo, a proibição do uso de shampoos ou sabonetes nos cursos de água mineral. Também são montados estandes informativos e do Greenpeace em *raves*, e já houve a atuação de atores numa abordagem lúdica. A forma encontrada para a inclusão da comunidade local no trabalho ecológico nas *raves* limita-se à contratação da equipe de limpeza e cooperativas de reciclagem de lixo.

A preocupação ecológica na *raves* é entrelaçada com por ideais de purificação e realização humana mais plena e consciente, tal como segue no exemplo registrado numa reportagem da revista Beatz nº 3 (2003: 51):

“o DJ Carlos Soul Slinger relembra que a geração *rave* tem na paz e amor dos anos 60 sua inspiração, mas não adianta pregar paz e amor sem entender, globalmente, onde se vive e por que se vive. Ecologia é apenas um aspecto fundamental para continuarmos vivos no planeta Terra.’ Nas palavras do DJ: ‘natureza limpa, corpo limpo, alma limpa. A purificação se faz necessária.’”

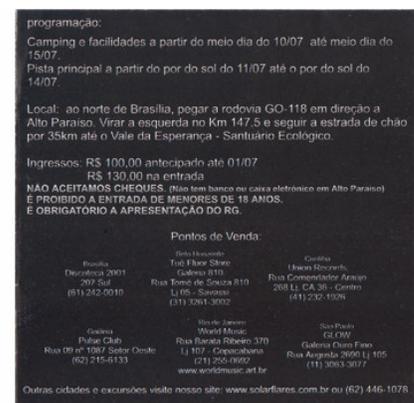
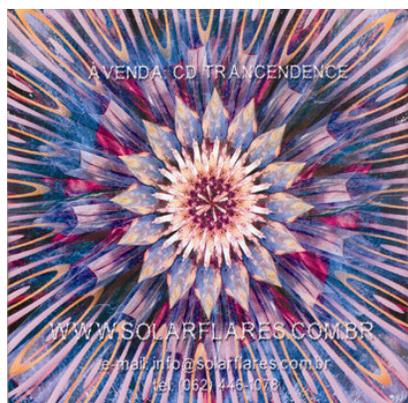
Um folheto informativo da E-Brigade distribuído em 2003 na ocasião de *raves* tem o título de “Trance + ecologia – pura consciência” e anota uma citação sem referências: “O Trance na verdade é uma filosofia de vida, e não apenas uma música. E dentro dessa filosofia está o amor e respeito pela natureza”. Na direção de indicar uma filosofia, a preocupação ecológica nas *raves* ganha tom de devoção à natureza e ao planeta Terra. “Natureza sagrada” foi a inscrição impressa nas pulseiras de identificação dos participantes do Festival da Independência ocorrido em Corumbá (GO) em setembro de 2002.

Vale apenas anotar, ainda, que a sigla P.L.U.R. - “Peace, Love, Union and Respect” - lema globalizado das *raves* é algumas vezes comentada nos textos produzidos por tranceiros no Brasil, mas dificilmente é referência citada no universo do *techno* brasileiro.

VII. Trancendence

Alto Paraíso de Goiás
10 a 15 de julho de 2002

Figura 16 . FLYER do festival Trancendence de julho de 2002



A Trancendence é um dos festivais brasileiros mais famosos internacionalmente, reúne pessoas de todo o Brasil e também muitos estrangeiros. O festival acontece na cidade de Alto Paraíso de Goiás, que também é um dos principais pontos do *circuito* neo-esotérico brasileiro (a propósito ver Magnani, 1999), revelando, já pela sua localização, os entrecruzamentos desses dois *circuitos*. É realizado, geralmente, numa fazenda administrada por uma comunidade conhecida como Osho Lua, a 60 Km da estrada asfaltada mais próxima. O festival de 2003 montou uma complexa infra-estrutura para o convívio das 5.000 pessoas presentes durante os 5 dias de *rave*: estacionamento, transporte coletivo entre a rodoviária da cidade e o local da festa, 5 áreas de camping com ruas iluminadas, 3 estações com diversos banheiros e chuveiros (construídos com projetos para minimizar os impactos ecológicos e limpos regularmente), restaurante, lanchonetes e bares, feira de artigos diversos (roupas, adereços, “panos”, materiais de higiene), área com camas para massagem, guarda-volumes, área para atendimento médico emergencial, serviços de bombeiros e resgate, pista de dança com ducha, equipamentos de som de “última geração”, área de *chill out*, lixeiras seletivas e cinzeiros espalhados por todos os ambientes.





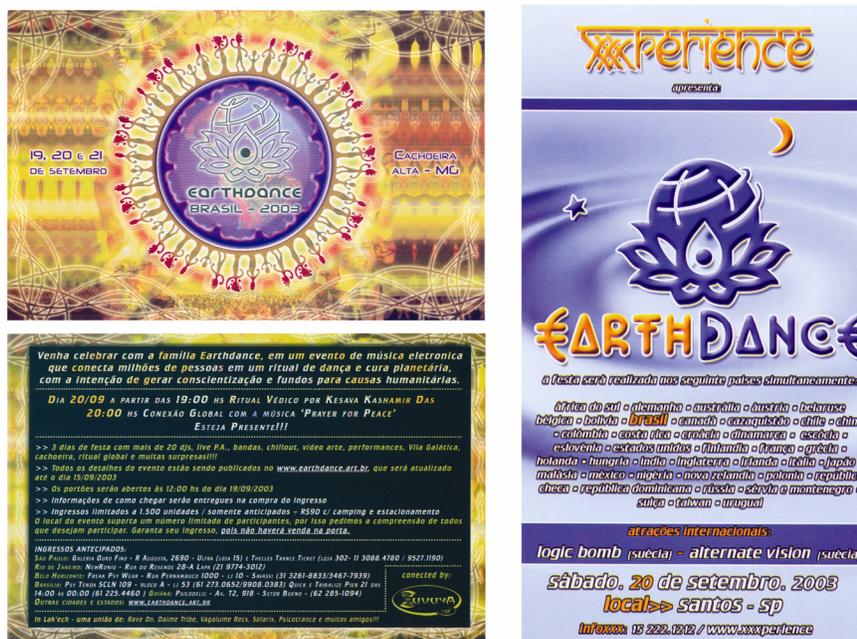




VIII. Earthdance

Cachoeira Alta (MG)
10 a 14 de outubro de 2002

Figura 17. Flyer da rave Earthdance de outubro de 2002



A rave Earthdance é um evento anual que acontece simultaneamente em diversos lugares no mundo. No ano de 2003 aconteceu em 42 países espalhados pelos 5 continentes terrestres, e no Brasil aconteceu em dois lugares: em Santos (SP) organizada pelo núcleo Xxxperience e em Cachoeira Alta (MG) organizada pela união de diversos núcleos, união batizada de In Lak'ech.

A festa organizada pela união de núcleos In Lak'ech convidava os ravers para a realização de um “ritual” coletivo, e para tal disponibilizava orientações detalhadas num “guia para o ritual de preparação” seguido de um “guia de conexão”. Segue a chamada disponível em <http://www.earthdance.com.br> (capturado em 5 de outubro de 2002):

“No Sábado, dia 12, earthdancers de todo planeta estarão se movendo sob o mesmo ritmo.

Quando dançamos em comunidade, geramos uma quantidade de energia incrível. Earthdance é nossa chance de usar essa energia e oferecê-la ao bem da humanidade e do nosso planeta.

Nosso poder de criar uma mudança global positiva se intensifica com a união e sincronicidade de nossas intenções.

Nossa intenção é recriar a paz mundial.

As 20:00hs de Sábado, todas as pistas de cada cidade tocarão a música "Prayer for Peace" e nos uniremos como uma família global, portanto junte-se á nós para mandar preces, pensamentos positivos e muito Amor."

A Earthdance em Minas Gerais aconteceu na forma de um festival que durou 4 dias, reunindo um público de aproximadamente 3.000 pessoas provenientes de várias cidades brasileiras.







IX. Celebra Brasil

Arujá (SP)

17 a 21 de abril de 2003

Figura 18. Flyer da rave Celebra Brasil de abril de 2003

17 a 20 de Abril de 2003

CELEBRA BRASIL

Festival Internacional de Música Eletrônica

Live Performances

ETNICA - IT
GMS - NL
LOTUS OMEGA - IT
PLEIADIANS - IT
TORTURED BRAIN - UK
TRISTAN - UK
WRECKED MACHINES - BR

Price
R\$ 500,00 - na porta
R\$ 140,00 - antecipado

Vendas
Deposito Identificado
Green Amazon Ltda, São Paulo
Av. 1512 - 2º - Cx. 0-010, 794-8 na
Cidade - Admissão Centro Rio, 5490
Tel: (11) 3043.3077

Maiseres Informações:
www.celebrabrasil.com
www.gulerecursos.com.br
meme13001@yahoo.it
young@vivo.com.br

Doce by AWKAL (DJ) + SOLA (DJ)

DJ's Internacionais Confirmados

Ans (Miami) - UK • Antaro (Spain) - BR • DJ Colin (Amesbury) - UK
Bambi (Spain) - NL • Celli (Germany) - Spain • DJ Dede (Amesbury) - UK
Dimitri Nakov (Bulgaria) - Bulgaria • Dino Psaras (Amesbury) - UK
Emok (Amesbury) - UK • Gladio (Amesbury) - UK • Jordan (Amesbury) - UK
Joni Sidhu (UK) • Lenny Ibizarre (Amesbury) - UK
Marcelo (Amesbury) - BR • Larry Miles - Chicago - USA • MIRO (California) - USA
Mauricio Bogotti (Amesbury) - BR • Max Lanfranco (Spain) - Spain • Oliver (Amesbury) - UK
Olivier (Amesbury) - UK • Pan Papasori (Amesbury) - UK
Peter Digital (Amesbury) - UK • Regan (Amesbury) - UK
Stella Nutella (Amesbury) - UK • Thyfuz (Amesbury) - UK • Tristan (Amesbury) - UK • Young (Amesbury) - UK

DJ's Nacionais Confirmados

Da Sereia (Amesbury) - BR • Daniel (Amesbury) - BR • Felo (The World) - BR
Gabriel (Wrecked Machines) - BR • Hye & Ata (Amesbury) - BR
JP (The World) - Amesbury • JARPER (Amesbury) - Spain • Kaptein (Amesbury) - BR
Lipe Forbes (Amesbury) - BR • Marcelo VOB (Amesbury) - BR
Mack (Amesbury) - Brazil • Rica (Amesbury) - BR

VI GEKO (General Coords - BR)

Apoio Cultural

Local:
Praia de Paraty - Paraty - RJ - Brasil

Apoios:

Oscon, Green, Sola, G, Schill, etc.

Marcada para acontecer numa praia em Paraty, uma semana antes da sua realização foi transferida para uma fazenda em Arujá, devido desaprovação da comunidade local. O alvará que autorizava a realização da festa foi cancelado às vésperas do evento. Boatos que correram na festa diziam que havia sido a sociedade das mulheres católicas de Paraty que pressionaram o prefeito para anular a autorização. Embora a festa tenha acontecido perto de São Paulo, a maioria dos participantes da rave acampou no local do evento. Estimo que 2.000 pessoas acamparam no local e aproximadamente 3.000 pessoas passaram pela festa que durou 5 dias. Foi destaque a presença de estrangeiros no evento, além da média de outras festas e outras edições do mesmo núcleo (alguns brincavam que a língua mais falada nessa rave foi o inglês e não o português).



As considerações sobre as festas de *techno* e as festas de *trance* inscritas acima são apenas comentários de algumas características diferenciais que parecem ser marcantes em cada tipo de *rave*, mas não características exclusivas. Muito tranceiros participam das *raves* de *trance* para “enfiar o pé na jaca” e se divertirem a valer, por outro lado, também existem freqüentadores dos eventos de *techno* que relatam experiências espirituais durante a catarse da festa.

Além disso, as festas de *techno* não são espaços absolutamente democráticos e também operam mecanismos de seleção dos seus participantes (seja pela venda limitada de ingressos ou com barreiras econômicas instituídas por altos preços). Vale notar que ambos os gêneros musicais, o *trance* e o *techno*, inspiram a realização de *privates raves*, formato esse que garante um controle estreito da entrada de pessoas “desejáveis”.

O que procurei foi indicar que existem distinções entre os discursos estéticos, ideológicos e comportamentais predominantes na prática das *raves* porém todas compartilham certas condições e peculiaridades que definem a *rave*, seja ela de *trance* ou de *techno*, seja um grande evento que reúne multidões ou uma festa intimista entre amigos já conhecidos.